

Discurso, corpo utópico e escrita de/em si

Discourse, utopian body and writing of/in itself

Denise Gabriel Witzel

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná, Brasil

Resumo: Focalizando corpos utópicos de mulheres que se escrevem e se expõem em manifestações sociais, em uma forma de luta política, valemos fundamentalmente de dois estudos de Michel Foucault acerca do *corpo utópico* e da *escrita de si* com o objetivo de descrever e analisar discursos materializados na pele, efêmeros nas ruas, mas perenes nas mídias sociais. Lemos e interpretamos precisamente a escrita de dois enunciados – *Não é não* e *Meu corpo, minhas regras* - mobilizados como estratégias de luta política para reivindicar o próprio corpo, esse que, durante muito tempo, permaneceu invisível na história, preso a tecnologias de poder que o regularam mediante normas e valores de ordem moral, ética, estética e científica. O *corpo utópico* das manifestantes que escrevem em si, ao serem disseminados, vistos, curtidos e compartilhados milhares de vezes nas redes sociais, faz proliferarem os discursos que reinventam as mulheres na construção da sua narrativa histórica e nas suas possíveis práticas de liberdade.

Palavras-chave: Histórias das mulheres; Análise do Discurso; Subjetividade

Abstract: Focusing on the utopian bodies of women who write and expose themselves in social manifestations, in a form of political struggle, we fundamentally make use of two studies by Michel Foucault about the utopian body and the writing of the self in order to describe and analyze discourses materialized on the skin, ephemerals on the streets but perennial on social media. We read and precisely interpret the writing of two statements – “No is no” and “My body, my rules” – mobilized as strategies of political struggle to claim one’s own body, which, for a long time, remained invisible in history, attached to technologies of power that regulated it through norms and values of a moral, ethical, aesthetic and scientific nature. The utopian body of the protesters who write themselves, when disseminated, seen, liked and shared thousands of times on social networks, makes the discourses that reinvent women proliferate in the construction of their historical narrative and in their possible practices of freedom.

Keywords: Women’s history; Discourse Analysis; Subjectivity



1 Introdução

Partindo do princípio de que as teorias e as práticas sociais que envolvem os feminismos na atualidade deparam-se com um ativismo não somente de palavras, mas também de corpos seminus que se escrevem (PAVEAU, 2014), desobedecem a preceitos tradicionais e morais ao se exibirem nas ruas e, concomitante e permanentemente, nas mídias digitais, interessa-nos essa mutação de corpos e de práticas de escrita flagradas, como exemplos, nas figuras abaixo:

Figura 1 - movimento feminista nos anos de 1960



Fonte: www.feminismeenfrance/

Figura 2 - marcha das vadias em 2014



Fonte: <http://www.cale.art.br/marcha-das-vadias>

Nesses dois textos verbo-visuais, percebemos rapidamente repetições e deslocamentos; reiterações e transformações. De um lado, há mulheres vestidas, segurando um cartaz enunciando em francês *Mon corps est à moi*, slogan que se tornou uma espécie de grito de guerra do movimento feminista dos anos de 1960; de outro, esse “mesmo” enunciado é (re)atualizado 50 anos depois, no corpo de uma mulher seminua. Na recursividade dos sentidos, sobressaem-se resistências, insubordinações que, há muito, colocam em xeque as verdades historicamente produzidas sobre o ser mulher em um mundo pensado e governado pelo poder excludente e autoritário de homens. Nesse mundo, o corpo da mulher não seria dela.

Face ao deslocamento do enunciado que sai do cartaz e alcança o corpo, organizamos este trabalho tendo em conta os seguintes fundamentos:: (i) o discurso dado a ler e a ver nas peles das manifestantes é produzido sob certas determinações históricas,

resultado da articulação entre saber e poder; (ii) o corpo seminu escrito e/ou tatuado são exemplares de corpos utópicos, na medida em que foram arrancados “de seu espaço próprio” e projetados “em um espaço outro” (FOUCAULT, 2013, p.12); (iii) o investimento nesses corpos, mediante uma *escrita em/de si*, visibiliza uma técnica de transformação da subjetividade (RAGO, 2013) no encaixe de práticas de liberdade.

Dentre os inúmeros enunciados possíveis, selecionamos *Não é não*, articulando-o com as explanações do corpo utópico e *Meu corpo, Minhas regras*, incorporando no gesto de análise as formulações acerca da escrita de/em si. O primeiro enunciado irrompeu por meio de uma campanha que surgiu no Rio de Janeiro, em 2017, contra o assédio sexual durante o Carnaval e ganhou adesão em muitos outros estados brasileiros. O segundo se destacou na *Marcha das Vadias* – movimento que surgiu no Canadá, em 2011, após um policial argumentar que uma onda de estupros ocorridos na Universidade de Toronto poderia ter sido evitada se as mulheres “não se vestissem como vadias”.

Esses dois enunciados são práticas discursivas e práticas de liberdade que surgem contemporaneamente como uma resposta, reação à formação de saberes - formação históricas constituídas por enunciados e visibilidades (FOUCAULT, 2007) - articulados com outras práticas, notadamente as que instalaram o corpo da mulher no epicentro do poder patriarcal, produzindo rotineiras formas de sujeição e de violências ao longo de sua história.

Antes, porém, de tratarmos do corpo utópico tatuado com o *Não é Não* e da escrita de/em si a propósito do *Meu Corpo, Minhas Regras*, iniciaremos esclarecendo o lugar de onde miramos teoricamente o discurso e o corpo, à luz dos Estudos Discursivos Foucaultianos.

2 Discurso e corpo para Michel Foucault

Conforme Gregolin (2016, p.120), “a teoria do discurso subjacente às propostas foucaultianas deriva do seu objetivo fundamental de compreender como se articulam os processos de subjetivação e as verdades no âmbito da produção discursiva”. Em clara oposição ao pensamento cartesiano fundado na razão, consciência e interioridade, Foucault (2006, p.275) sustenta que o sujeito “não é uma substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma”. Ao negar o sujeito como categoria

ontologicamente invariável, Foucault destaca a constituição histórica dos sujeitos nos múltiplos processos de subjetivação.

Analisar discursos com Foucault pressupõe-se considerar esse sujeito histórico para, então, ser possível descrever os objetos discursivos, considerando a sistematicidade da linguagem, da historicidade e da produção de subjetividades. Em resumo, isso implica: a) acolher o discurso enquanto prática – modos de agir e de pensar - que deriva da formação de saberes sobre os sujeitos e enquanto lugar onde saber, poder e jogos de verdade se articulam; b) considerar o discurso como um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico; c) partir do princípio de que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico.

Precisamente sobre a relação entre o discurso e o poder, notadamente sobre o fato de que o poder impede a manifestação livre do discurso, lembremo-nos que o poder, para Foucault (1979), está em toda parte, atravessa anátomo e politicamente os corpos, definindo seus modos de agir, sentir, pensar, falar. Ninguém detém o poder, segundo essa analítica, tampouco seu funcionamento se resume às práticas de repressão ou a contratos jurídicos e políticos. O poder, ao ser exercido em rede/cadeia, implica necessariamente resistências e produz efeitos de saber e verdade, ambos disseminados discursivamente. As práticas discursivas e não discursivas, uma vez enredadas nos jogos da língua(gem), produzem os sujeitos e, conseqüentemente, seus corpos. Nesse sentido, o corpo emerge nos estudos discursivos como objeto de discurso, matéria significante (re)produtora de sentidos e de subjetividades.

O corpo, segundo Foucault (1979), está no centro de toda relação de poder. Na esteira de Perrot (2005), entendemos que o corpo das mulheres instala-se no centro dessa relação, de maneira mais imediata e específica. Dentre as práticas discursivas derivadas do poder que incide sobre os corpos das mulheres, destacam-se as *escritas em/de si* daquelas que requerem nas manifestações sociais e políticas, o controle do próprio corpo.

Os processos de subjetivação que entrelaçam os discursos, os sujeitos e seus corpos não são, nunca foram, espaços harmoniosos e acolhedores das diferentes formas de sujeito. Por serem lugares conflituosos, de lutas e resistências, eles separam os sujeitos, interditando as vozes e a circulação social daqueles subjetivados, por exemplo, como

anormais, infames, loucos e desobedientes. É em seus corpos que os saberes e os poderes sobre a anormalidade, infâmia, loucura e desobediência recaem, constituindo o que todos são e o que cada um é em meio a uma “estética da existência”.

A propósito dos sujeitos “marginalizados”, quando não “eliminados”, sabemos que historicamente, sob a designação “mulheres”, fabricou-se uma clivagem já bastante conhecida e estudada nos estudos de gênero e do discurso: instalaram-se, de um lado, as virtuosas, porque atendiam aos tradicionais ideais femininos; de outro, as desobedientes, porque se chocaram com o poder patriarcal e provocaram repúdio por serem feiticeiras, lésbicas, rebeldes, abortistas, anarquistas, prostitutas, loucas e, a exemplo das que integram este estudo, vadias. Estas últimas não aceitavam as “vontades de verdade” (FOUCAULT, 2012, p.14) que atravessaram tantos séculos da nossa história enraizando-as no território de seus corpos, presas no interior de poderes muito apertados que lhes impuseram condutas e obrigações desde tempos quase imemoriais.

Ao desobedecerem às normas, para reinventarem outras práticas e outras subjetividades, muitas delas foram queimadas vivas, apedrejadas, espancadas, banidas, encarceradas em manicômios ou conventos. O legado dessas mulheres nos permite melhor compreender o controle dos corpos, tão hermeticamente fechados, tão rigorosamente separados em seus desejos e funções. Extensivamente, permite-nos melhor compreender os enunciados materializados nas peles das mulheres destacadas logo à frente.

No desenvolvimento das reflexões sobre o poder, ganha destaque a prática de liberdade dos sujeitos. A problemática da liberdade não é algo pontualmente localizável na obra foucaultiana; não é possível reconhecer uma teoria sobre a liberdade. Contudo, ao fazer um diagnóstico do presente, ao entrelaçar o sujeito e o poder, ele dá a ver as possibilidades de práticas da liberdade a partir de uma relação entre os sujeitos e de uma relação do sujeito consigo mesmo, denominadas *poder*. Foucault não propôs uma liberdade opondo-a aos regimes de saber e as relações de poder, na medida em que buscou pensar a liberdade como uma prática possível no interior dos sistemas de verdade formados por estes campos.

Dito de outro modo: o poder, para Foucault, não se exerce a não ser sobre sujeitos livres e na medida em que eles são livres. Além de a liberdade ser a condição de existência do poder, ela é a condição ontológica da ética: os comportamentos, as condutas e as

reações implicam fazer com que o sujeito se constitua a si mesmo. Nesse sentido, a ética é a forma reflexa que toma a liberdade, ou seja, ela apresenta-se como liberdade enquanto prática refletida; a ética como exercício de liberdade. Enredados por esses dispositivos, há sempre pontos de fuga em um jogo instável de forças que promovem o cotidiano da história

Para analisarmos discursivamente os corpos que se escrevem, para além das questões fundantes da arqueogenealogia foucaultiana, consideramos que os corpos presentes nas manifestações sociais e, extensiva ou concomitantemente, nas mídias digitais são, a um só tempo, centro e não-lugar de propagação de utopias. São, portanto, corpos utópicos (FOUCAULT, 2013) que se pretendem livres. Liberdade que funciona como não submissão à coerção externa, ou seja, um poder efetivo de mudança.

3 Da utopia profunda e soberana do corpo ao *Não é não*

Em *O Corpo Utópico*, Foucault (2013) postula que o corpo é, antes de tudo, um lugar. Corpo-túmulo, corpo-cárcere, corpo-prisão, corpo-carcaça são as aproximações metafóricas que Foucault faz para mostrar que, diferentemente da utopia, existe um “topia implacável” que nos aprisiona no nosso corpo. Contudo, essa topia se desfaz, dialeticamente, quando se observa que o corpo é a origem de todas as utopias. Ela está nele. Ou seja, o não-lugar está no lugar-nenhum: o corpo “*é o contrário de uma utopia*”, pois ele “jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo” (FOUCAULT, 2013, p.7, grifo nossos). Para comprovar que as utopias nascem do corpo e, na sequência, voltam-se contra ele, Foucault aponta três elementos: a cabeça, o espelho e a morte.

A cabeça é uma “estranha caverna aberta para o mundo exterior possui aberturas”. Ou seja, na cabeça acontecem coisas via visão e audição; essas coisas entram na cabeça mas ao mesmo tempo ficam de fora, permitindo a circulação entre os espaços de fora e dentro. A utopia assim se instala, sendo a cabeça um lugar no não-lugar. Quanto ao espelho¹ e ao cadáver, são eles que asseguram um espaço para experiência profundamente e originariamente utópica do corpo.

¹ Em *Os outros espaços*, Foucault (2016) discute o conceito de heterotopia, argumentando que entre as utopias e as heterotopias existe uma espécie de união análoga a de um espelho, pois: [...] no espelho, eu me

Com esses raciocínios, Foucault mostra que “para que eu seja utopia, basta que seja um *corpo*”. Isso o faz transitar para os poderes utópicos do corpo fazendo irromper o corpo como um “grande ator utópico”. Destaca que a máscara ou a tatuagem, além dos adornos e a vestimenta, jogam o corpo, por ele mesmo, para outros lugares, inclusive para o lugar-nenhum.

Precisamente com relação aos corpos que nos interessam aqui, são corpos tatuados, ainda que temporariamente, e, “mascarar-se, maquiar-se, tatuar-se não é adquirir outro corpo; é fazer com que o corpo entre em comunicação com “poderes secretos e forças invisíveis”. Essas marcas depositam no corpo toda uma linguagem que evoca para este mesmo corpo, dentre outras questões, “a vivacidade do desejo”.

3.1 *Não é não* contra o assédio

A partir de reiterados acontecimentos vividos ou testemunhados de mulheres que são abordadas – muitas vezes agarradas - em festas e/ou espaços públicos, e tentam se desvencilhar repetindo “Não! Eu disse não, você não entende? Não é não”, um grupo de mulheres² desenvolveu uma campanha contra o assédio no carnaval do Rio de Janeiro, em 2017. A ideia era colar uma tatuagem temporária no corpo daquelas que fossem para os blocos com a frase simples, assertiva e direta: “Não é não!”. A campanha se espalhou nos anos seguintes, atingindo blocos oficiais, não-oficiais, sambódromo e a praia com a distribuição gratuita de milhares de tatuagens no carnaval das maiores cidades do país.

Nas figuras abaixo, destacamos uma série que dá a ver esse tipo de corpo tatuado e transformado num “escudo” e “outdoor” na luta para subverter certas relações de poder forjadas na tradição patriarcal das quais derivam o jogo de verdade do assédio sexual. Na linha de raciocínio deste estudo, as tatuagens coladas vitalizam os poderes utópicos do corpo face à insistência impertinente e/ou perseguição que, cotidianamente, culminam em diferentes formas de violência contra as mulheres.

vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe,... uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe (FOUCAULT, 2001b, p.415).

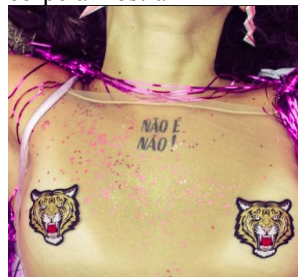
² As idealizadoras e fundadoras do Coletivo Não é Não são Aisha Jacob, Barbara Menchise, Luka Campos e Nandi Barbosa que passaram a contar com a colaboração de inúmeras outras pessoas. Disponível em www.nandibarbosa.com/NAO-E-NAO. Acesso em 20 de set. 2020.

Figura 3 - *Não é Não* no corpo de Marielle Franco



Fonte: reprodução Instagram

Figura 4 - *Não é Não* no corpo à mostra



Fonte: reprodução Instagram

Figura 5 - *Não é não* sendo tatuado



Fonte: reprodução Instagram

Esses corpos tatuados nos atingem como uma construção simbólica. Notemos, inicialmente, que o *Não é não* é um enunciado nada nítido, nada transparente, apesar da obviedade semântica. Temos aí uma frase afirmativa que, paradoxalmente, coloca em destaque uma negação. Em regra, a negação se dá a partir da aplicação do advérbio “não” a uma verbo: *não é isso, não posso, não quero* etc..., sempre excluindo uma possibilidade. Para além de sua estrutura, *Não é não* pressupõe uma interlocução, uma explicação diante de outros enunciados que propõem *Não não é não, é sim; ... é talvez; ...é quero*.

Arqueologicamente, entende-se que “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. (FOUCAULT, 2007, p.56). O “mais” no acontecimento discursivo do *Não é não* aponta para a relação inescapável entre língua, história e sujeito que (re)produzem as verdades históricas – na medida em que não são absolutas, universais, tampouco definitivas. São verdades que fabricaram as condutas nas relações entre os sexos em que a virilidade física e moral dos homens se sobrepõe aos corpos femininos.

No acontecimento discursivo do *não é não*, inscrito no corpo utópico da mulher “arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro” (FOUCAULT, 2013, p.12), ele, desde sua raiz, se relaciona com o poder e com outros enunciados, formatando um campo associado constituído de outros enunciados cujos sentidos abarcam as práticas de assédio sexual. Aponta para as singularidades do feminino sedimentadas no imaginário social, isto é, fundamentalmente, *não é não*, junto com as memórias que traz, coloca-se em contato e em confronto com outras formulações enunciativas, tais como a letra da

música *Não e não*, de Teixeira³, sucesso nos anos de 1960, e a propaganda de cerveja, de 2015.

Figura 5 - Não e não (Teixerinha)



*Eu gosto tanto da Mariazinha
(...)
Quando eu peço um beijo
Ela só diz assim
não e não e não
E não e não e não e não e não
O não e não vai me deixando louco
E os lábios dela me dá mais desejo
Puxo com força contra o coração
Antes que diga não, eu aplico um beijo
Aí não pode mais dizer que não
Quer me empurrar afastando com as mãos
Eu tô grudado e não desgrudo não
Depois do beijo a reclamação
E o beijo pra ser bom
Tem que dizer não e não
Não!*

Figura 6 - Peça publicitária para o Carnaval de 2015⁴



Ao interrogarmos *Não é Não*, com as lentes do método arqueológico, temos aí um já-dito no nível de sua existência, “da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte”, (FOUCAULT, 2007, p. 149). É preciso, portanto, definir as condições nas quais se realizou esse enunciado, dando-lhe uma existência específica. Essa existência o faz surgir como: (i) relação com um domínio de objetos que formam o discurso; (ii) posição possível para um sujeito; (iii) elemento em um campo associado; (iv) e materialidade repetível. Por fim,

³ Vitor Mateus Teixeira, conhecido como Teixerinha, foi cantor, compositor, cineasta que ficou muito conhecido com a música “Coração de Luto” que vendeu mais de vinte e cinco milhões de cópias, é a única no mundo, mais vendida superando cantores como Michael Jackson. Disponível em <http://www.teixeirinha.com.br/biografia.php>. Acesso em 10 de set. 2021.

⁴ Essa peça provocou grande polêmica nas redes sociais e foi denunciada ao CONAR (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária). Embora a análise tenha resultado no arquivamento da denúncia, a empresa acatou as manifestações de mulheres indignadas com os efeitos de sentido possíveis dessa propaganda e substituiu por “quando um não quer o outro vai dançar”, entre outros enunciados nessa mesma linha.

ele se insere interdiscursivamente em uma rede de discursos atualizados em múltiplas materialidades, tais como as destacadas nas figuras 5 e 6.

Na discursividade de ambos os textos, em que pesem o tempo que os separa e as novas formas subjetivas de ser homem e ser mulher que se produziram nos últimos anos, há uma estabilidade, ainda que velada, da lógica que hierarquizou as relações entre os sexos e permanece fundamentando as diferentes formas de assédio. Juridicamente, hoje, abraçar, tocar, beijar ou encostar em uma pessoa sem permissão é crime⁵. Nos tempos de Teixerinha, o “beijo roubado” silencia e ignora a recusa da Mariazinha; nos atuais tempos da propaganda da cerveja, a sugestão de suprimir o *Não* abre brechas para abuso, a intervenção na liberdade e a autonomia, autorizando outros Teixerinhas a continuarem roubando beijos e propagando o assédio que alimenta, cotidianamente, a cultura de violência contra as mulheres, a discriminação sexual, ou de gênero. No corpo está a explicação que se desdobra numa pluralidade de outros enunciados: “Beijo não é pedágio” e “Fantasia não é convite”.

4 Escrita de si e escrita *em si* do enunciado *Meu corpo, Minhas regras*

Michel Foucault, quando se inquietou com os jogos de verdade voltados às técnicas de si, à governamentalidade, isto é, o governo de si e dos outros, orientou suas pesquisas na direção de uma constituição histórica de uma genealogia da ética, como já assinalamos. A partir de uma série de estudos sobre “as artes de si mesmo”, ou seja, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana, Foucault (2006) dá relevo à Escrita de si, estratégia narrativa/discursiva que, no nosso entendimento, vai ao encontro dos corpos que se escrevem e se eternizam na web.

Em sua análise retrospectiva, Foucault (2006) mostra que para os filósofos gregos, escrever sobre si mesmo era uma técnica de aperfeiçoamento do sujeito e/ou transformação da subjetividade. Era preciso ler, ensinavam os gregos, mas também escrever, pois a escrita era vista como um exercício pessoal associado à meditação, aos

⁵ O assédio sexual passou a ser crime de importunação sexual no artigo 215 da Lei 13.718/18. Caracteriza-se pela prática contra alguém e sem a sua anuência de ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro. A pena para quem praticar este crime varia entre um e cinco anos de prisão. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Acesso em 22 de set. 2020.

pensamentos a serem depurados. Destacam-se dois tipos de documentos nos quais o treinamento de si implicava a transformação da verdade registrada na escrita em *êthos*: os *hupomnêmata* (livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais) e as correspondências.

Foucault (2006) examina esses documentos atento ao papel que esse tipo de escrita exercia na construção das subjetividades, partindo do princípio de que o sujeito não é constituído *a priori*, previamente, tampouco a subjetividade seria algo definitivo, estável e acabado. A Escrita de si, analisada nos dois suportes, é uma das técnicas de transformação da subjetividade, haja vista que, ao escrever sobre si, o sujeito se produz no ato de se narrar.

Os *hupomnêmata* eram uma espécie de livros de vida, registros de anotações, “citações, fragmentos de obras, exemplos e ações que foram testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente” (FOUCAULT, 2006, p. 147). Eram formas de registro material da memória que, a exemplo dos diários, reuniam lembranças, desenhos, desejos. Esses *hupomnêmatas* ficavam à disposição para serem lidos, relidos, servindo de fonte para meditação. Eram escritos transformados em um equipamento de “discursos auxiliares, capazes [...] de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões como um dono que, com uma palavra, acalma o rosar dos cães” (p.148). No entendimento dos gregos antigos, esses dizeres e imagens eram implantados na alma, “nela arquivados”. Ao retornarem como aquilo que se pôde ouvir ou ler funcionavam como um cuidado de si, permitindo a constituição do sujeito.

Com relação às cartas, elas também permitem o exercício pessoal. Escrever algo a ser endereçado a alguém, explica Foucault (2006), no jogo da alteridade, é colocar-se a si mesmo sob os olhos do outro; narrar-se, é produzir para si um modo de ser e de existir no mundo, realizando, muitas vezes, uma espécie de exame da consciência, tal qual um “inspetor de si mesmo” com vistas a reavivar as regras de comportamento necessárias para o engrandecimento do espírito.

Em suma, no exercício de si, em meio às práticas com o cuidado de si, a escrita nos *hupomnêmata* e nas correspondências adquire relevo no jogo entre o deciframento de si por si mesmo e a abertura que se dá ao outro sobre si mesmo, permitindo-nos pensar a atualidade dessas técnicas quando a escrita não se realiza mais em cadernos de anotações

ou mesmo nas cartas, mas na pele. Daí propormos pensar em uma Escrita *em* si, em consonância com às reflexões acerca de uma Escrita *de* si, conjugando dois modos de produção de subjetividades⁶ – com vistas à (re)elaboração do sujeito mulher que escreve *Meu corpo, Minhas regras*.

4.1 *Meu corpo, minhas regras* na Marcha das Vadias

Ao dizer que as mulheres deveriam evitar se vestirem como *vadias* para não serem estupradas, o policial Michael Sanguinetti, no Canadá, motivou o *SlutWalk*, traduzido em português do Brasil como *Marcha das Vadias*. Trata-se de um movimento que reúne mulheres indignadas como a propagação de discursos e práticas que culpabilizam ou menosprezam uma mulher quando essa não atende aos tradicionais códigos de vestimentas, usando roupas percebidas como sexualmente provocativas.

Elas marcham, fundamentalmente, contra os discursos que estigmatizam a liberdade da sexualidade das mulheres, rememorando, muitas vezes, os tradicionais preceitos que demonizaram essa sexualidade. Na imagem a seguir, a mordida da maçã é um dos ícones que ganham visibilidade no movimento, retornando ao mito de Eva - a corruptora, emblema do pecado e da perdição - que eternizou a demonização da sexualidade feminina.

Figura 7 – Manifestantes da Marcha das Vadias



⁶ Em Rago (2013), desenvolvem-se reflexões que se enredam às do presente estudo ao apontarem como as práticas de *Escrita de si*, notadamente de narrativas autobiográficas de militantes feministas, fomentam novos espaços sociais, subjetivos e simbólicos na atualidade, ou seja, reinventam novas subjetividades.

Na atualização – via memória discursiva – de Eva nesses corpos, coloca-se em xeque o estupro entendido como um problema muito antigo, persistente e, de certa forma, naturalizado e espraiado em múltiplas relações sociais. Mais do que um problema social, o estupro – coito forçado ou violação – é um crime previsto no código penal brasileiro, no Art. 213. Estuprar significa “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”⁷ que pode ser realizado por força física, coerção, abuso de autoridade, ou contra uma pessoa incapaz de oferecer um consentimento válido (pessoa inconsciente, com deficiência mental, por exemplo), ou se ela for menor de idade.

O que impulsionou a Marcha das Vadias é um acontecimento tomado como uma regularidade histórica, ou seja, culpar a mulher por ela ser estuprada inscreve-se em uma rede de discursos que legitimam e, de certa forma, naturalizam o crime. Não raro, fazem eco ao enunciado do guarda canadense outros como: “Ah, também, quem mandou beber!”; “Procurou, né? Olha que roupa curta”; “Deve ser uma vagabunda”; “Aposto que provocou e depois não aguentou”; “eu jamais deixaria minha filha na rua a estas horas”; “aposto que a pia está cheia de louças”. É em resposta a esses enunciados que muitas escrevem em si *Meu corpo, Minhas regras* funcionando como uma (re)constituição subjetiva, um acontecimento de ruptura histórica.

Arqueologicamente, todo enunciado possui margens povoadas por outros enunciados. Nas margens do *Meu corpo, Minhas regras*, encontramos interdiscursivamente o *Nosso corpo nos pertence*, já destacado no início deste trabalho. Ambos se instalam em corpos utópicos disseminados, vistos, curtidos e compartilhados milhares de vezes nas redes sociais, fazendo proliferarem outros discursos que reinventam as mulheres na construção da sua narrativa histórica.

Os movimentos feministas que nos atingem hoje – em suas diferentes organizações e com suas diferentes bandeiras - provocaram uma convulsão social e, ao mesmo tempo, politizaram o privado, na medida em que argumentavam que o pessoal era político. Isso implica(va) ressignificar as práticas divisoras, notadamente as fronteiras entre o público e o privado, entre o desejo e o poder. As primeiras emergências do *Nosso corpo nos pertence* investia-se de sentidos associados à emancipação, à recusa das

⁷ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em 10 de nov. 2020

condições de fragilidade, submissão, incapacidade de raciocínio e decisão, o gosto da palavra inútil, etc. Seu retorno, em outro tempo, em outro espaço e, especialmente, em outra materialidade se coaduna com o *Meu corpo, Minhas regras* em imagens vistas e lidas, instaladas na web.

Figura 8 - Marcha das Vadias



Figura 9 - Marcha das Vadias



Figura 10 - Marcha das Vadias



Vimos que, para Foucault (2006), a liberdade do sujeito revela-se como uma possibilidade estratégica de enfrentamento às relações de poder, as quais operam com dispositivos inseridos e móveis em todos os espaços da vida social. Nas imagens flagradas nas ruas e instaladas permanentemente na heterotopia da Web, sobressaem-se novamente corpos utópicos – sujeitos instalados no lugar-nenhum efetivamente se pondo como lugar, pois depende do corpo que, enfim, é lugar – e práticas de liberdade – práticas para

dissociar a ideia das relações de poder balizadas como campo de construção de obediência, aceitação.

No funcionamento do acontecimento discursivo do *Meu corpo, Minhas regras*, destaca-se, evidentemente, a atualidade de um outro slogan *Um filho se eu quiser, quando eu quiser, como eu quiser*, acompanhando o *Nosso corpo nos pertence* repetido em meio aos discursos que continuam falando de emancipação, igualdade e autonomia, ao tempo em que reivindicam a descriminalização do aborto e o direito à escolha de ter ou não ter um filho.

Na esteira dessas reflexões, *Meu corpo, minhas regras* se materializa nas escritas em si como uma reação ao governo da vida, uma biopolítica que gerencia o corpo por meio do conhecimento de fenômenos que lhe são próprios, como a natalidade, a mortalidade, a morbidade. A recusa do investimento biopolítico nos corpos que se escrevem vai ao encontro das práticas de liberdade, conforme destaca uma das líderes das marchas das vadias:

O nosso corpo é livre. Ele pode ser gordo, pode ser magro, você só tem que ter um corpo para entender que é livre. A nossa reivindicação é essa e está relacionada à nossa própria liberdade. E é coisa séria, porque não é só colocar os peitinhos para fora. E entender que a gente faz isso com a intenção de lutar por políticas públicas, que não estão sendo formuladas, nem respeitadas. Então, a gente precisa mesmo colocar nosso corpo na rua, porque esse corpo fala.⁸

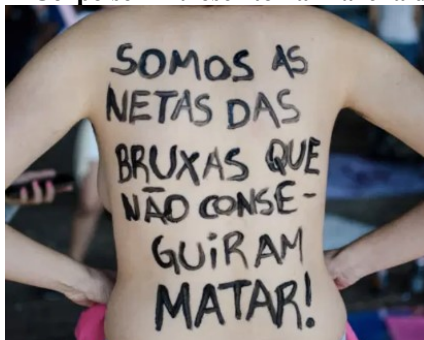
5 Considerações finais

Os corpos que se escrevem e saem às ruas, somados à infinita repetição que se instaura nas redes sociais, respondem às urgências históricas do nosso presente. E quais seriam essas urgências? Falar não é suficiente; folders e cartazes, como fizeram as avós dos atuais movimentos feministas, tampouco. Hoje, o discurso, o corpo escrito possui “suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização” (FOUCAULT, 2007). São regras que apontam para um exercício de si, em meio às vozes historicamente (inter)ditadas, num jogo entre o deciframento de si por si mesmo e a abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.

⁸ Disponível em <https://www.nsctotal.com.br/noticias/reivindicacoes-tao-diversas-quanto-as-vivencias-o-que-querem-as-mulheres-que-vaio-as-ruas>. Acesso em 15 de out. 2020.

São, enfim, mulheres subjetivadas na recusa da submissão, numa prática de liberdade na relação consigo mesmas, tal como fica mais evidente nesta última escrita em/de si materializada na pele de um corpo utópico.

Figura 11 - Corpo seminu escrito na Marcha das Vadias



Referências

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo, N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Inutile de se soulever?** In: DITS ET ECRITS III. Paris: Gallimard, 1994a, p. 790-794.

FOUCAULT, Michel. **Sujeito e Poder**. In: DITS ET ECRITS IV. Paris: Gallimard, 1994b, p. 222-243.

FOUCAULT, Michel. Sobre a Genealogia da Ética: um resumo do trabalho em curso. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Genealogia da Ética**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 240-251. (Col. Ditos e Escritos, v. V).

GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e Imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: FLORES, G.; NECKET, N.; GALLO, S. (Orgs). **Análise do Discurso em Rede**: Cultura e Mídia. Campinas: Pontes, 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PAVEAU, Marie Anne. Quand les corps s'écrivent. Discours de femmes à l'ère du numérique. In: BIDAUD, É. (org.), **Recherches de visages**. Une approche psychanalytique, Paris, Hermann, 2014.

RAGO, L.M. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. Disponível em https://visionvox.net/biblioteca/l/Luzia_Margareth_Rago_A_Aventura_De_Contar-Se.pdf.

WITZEL, Denise Gabriel. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**, v. 58, n. 3, p. 525-539, 2014.

Recebido em: 13 de abril de 2022

Aceito em: 23 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Denise Gabriel Witzel
E-mail: witzeldg@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4685-7574>
